

Na Ponta do Lápis

ano VI – número 15
Dezembro de 2010



Gente é para brilhar!

7 milhões de estudantes e 240 mil inscrições
de professores na Olimpíada 2010.

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Coordenação

Sonia Madi

Texto e edição

Luiz Henrique Gurgel
Maria Aparecida Laginestra
Regina Andrade Clara

Revisão

Rosania Mazzuchelli
e Mineo Takatama

Edição de arte

Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações

Criss de Paulo

Editoração

AGWM Editora e Produções Editoriais

Fotos

Rubens Nemitz Jr. (Curitiba)
Joaquim Saldanha (Fortaleza)
Gualter Naves (Belo Horizonte)
Marcia Minillo (São Paulo)
Christina Rufatto (Distrito Federal)
Alunos semifinalistas de crônica (páginas 20-22)

Tiragem

150 mil exemplares

Contato com a redação
Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP
CEP 01244-010
Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendofuturo.org.br

INICIATIVA



A nossa maratona faz todo o sentido

A maratona é a prova esportiva mais simbólica dos Jogos Olímpicos. Tradicionalmente, é ela que encerra os jogos e seus vencedores são aclamados como heróis. É longa e exige um esforço sem tamanho do atleta para correr, sem parar, 42 quilômetros. Talvez por isso, sempre que nos deparamos com uma missão gigantesca e cheia de etapas, costumamos dizer que equivale a uma “maratona”.

A imagem ilustra perfeitamente o que significou a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, edição 2010, que contou com a participação de 7 milhões de estudantes e quase 240 mil inscrições de professores de todos os Estados do país. Em março de 2010 as escolas começaram a receber os materiais pedagógicos com orientações para as atividades. Depois vieram os trabalhos em sala de aula, as oficinas, pesquisas, entrevistas, escritas e reescritas, até a seleção do melhor texto da classe, da escola, da cidade e do Estado. A partir dali centenas de estudantes e professores puderam viajar para participar de oficinas de produção de textos em quatro capitais, que selecionaram os melhores de cada gênero para a grande final, em Brasília.

Além das equipes do Cenpec, da Fundação Itaú Social e do MEC, foi fundamental a participação das Undimes e do Consed, mobilizando secretarias municipais e estaduais de Educação, ou seja, todo o brilho do que se viu na capital federal, no final de novembro, com a premiação de estudantes, professores e escolas, exigiu a realização de uma inimagável maratona.

Tão fortes quanto os números e o envolvimento de diversas instituições são as características que fazem desse programa algo transformador. Ele mexe com a qualidade do ensino público brasileiro ao propor atividades de formação contínua para professores de língua portuguesa – por meio de publicações, encontros e pela Comunidade Virtual. Ultrapassa as fronteiras da escola ao envolver a comunidade do bairro e da cidade, tornados objetos de observação para a escrita. Com um tema geral para a criação dos textos – “O lugar onde vivo” –, incentiva alunos e professores a refletirem sobre a própria realidade e a recuperarem a voz das pessoas por meio da escrita.

O programa também divide responsabilidades, pois é a própria comunidade quem escolhe aqueles que irão representá-la nas etapas seguintes. Nas duas últimas fases – a semifinal e a final –, ocorreram encontros que proporcionaram um verdadeiro mosaico de como o Brasil é formado, dando ideia da abrangência e do caráter democrático da Olimpíada, com representantes de grandes e pequenas cidades, de comunidades rurais, urbanas, indígenas e quilombolas. São estudantes e professores de todos os quadrantes do país que vivenciam as realidades mais diversas. Cada estudante traz a sua história e a de sua comunidade, todos em pé de igualdade.

Por isso, neste final de ano, depois de mais uma maratona como essa, é importante lembrar o caminho percorrido. É a melhor maneira de entender seus sentidos, de saudar os bons resultados e de aproveitar as experiências e as eventuais falhas para aperfeiçoá-lo. *Escrever o futuro*, para nós, não é apenas uma expressão bonita. Ela é plena de significado. Traduz o compromisso e a vontade de colaborar para a conquista de uma educação pública de qualidade para todos os brasileiros.

E na última edição do ano...

Como estamos em dezembro, aproveitamos a ocasião para oferecer alguns presentes aos nossos leitores. O primeiro deles é a entrevista exclusiva que uma grande poeta brasileira, a mineira Adélia Prado, nos concedeu. Ela fala de seu processo de escrita e de seus temas. Ela também lembra que foi professora de escola pública por muitos anos em sua cidade natal, Divinópolis. E, para complementar essa conversa, a professora Marisa Lajolo escreveu um artigo especial para esta edição, falando de poesia justamente pelos versos de Adélia.

Na “Página Literária”, questões como o preconceito, a beleza e a sensibilidade, tratadas com elegância e sutileza no conto “As cores”, de Orígenes Lessa.

E você ainda tem a oportunidade de conhecer o que dizem os artigos de opinião semifinalistas, na análise da professora Ana Luiza Marcondes Garcia, e as peculiaridades presentes nas crônicas semifinalistas, no artigo da professora Cloris Porto Torquato, além de uma reportagem especial que mostra como foram as últimas fases da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, edição 2010, abrihantadas com a presença do fotógrafo Cristiano Mascaro e do compositor Fernando Brant.

Desejamos a todos uma boa leitura, um bom final de ano e um delicioso período de descanso!

Sumário

2

ENTREVISTA

Adélia Prado

5

REPORTAGEM

Diversa, múltipla, intensa

10

TIRANDO DE LETRA

O doce sabor do desafio

12

PÁGINA LITERÁRIA

As cores

14

DE OLHO NA PRÁTICA - 1

O que dizem os artigos de opinião semifinalistas da Olimpíada 2010

20

DE OLHO NA PRÁTICA - 2

O cotidiano em foco

23

ÓCULOS DE LEITURA

Conversando sobre poesia

27

DESAFIO

O que é, o que é?

A “conversa” foi por *e-mail*. Depois de várias tentativas, **Adélia Prado**, quando soube tratar-se de uma Olimpíada de Língua Portuguesa voltada a professores e estudantes de escolas públicas, aceitou responder às nossas perguntas: “Esta entrevista me anima. Há muita gente boa preocupada em melhorar a qualidade da vida e do ensino de nossas crianças. Longa vida aos que levam a sério a tarefa de fazer do nosso país uma nação”. Mas o assunto principal foi mesmo o ofício de poeta e o ato de escrever: “Poesia é essa radiação que as coisas têm e que é percebida por meio da arte. Essa radiação é como se fosse o brilho da realidade”.

“Você sente que algo ‘pede’ expressão. É o momento do trabalho concreto de escrever.”

Luiz Henrique Gurgel

Poeta nasce poeta ou se constrói como poeta?

O poeta, como qualquer outro artista, nasce como nascem os cantores, já de posse do seu dom. O que se constrói nele é a vida, que segue o processo natural em toda pessoa, artista ou não, visando seu amadurecimento. Tal processo se reflete inevitavelmente na obra. Rigorosamente falando, uma oficina literária não “cria” um escritor, mas pode descobri-lo, como uma escola de música descobre um virtuoso.

A poesia não é uma descrição de alguma coisa, não é um comentário a respeito de nada. É uma expressão. Toda arte verdadeira só tem um objeto: a poesia. A obra de um artista, quando verdadeira, seja de que arte for, tem o poder de revelar a poesia contida no ser das coisas. Eu não dou conta de pegar o ser de uma rosa, de um rio, de uma passagem, de um rosto. Só quem consegue revelar esse ser das coisas é a arte, que nos mostra a beleza suprema delas.

Nesse sentido, a arte me abre para a realidade. A maravilha dela é isso. É uma epifania. Isso em qualquer tipo de arte, como o teatro, a música, o cinema, a dança, a escultura. A poesia é essa radiação que as coisas têm e que é percebida por meio da arte. Essa radiação é como se fosse o brilho da realidade.

Como nasceu sua vontade de escrever? É uma necessidade? Conseguiria viver sem escrever?

Ainda menina, descobri o poder e o prazer da palavra. Escrevo desde os catorze anos, quando fiz meu primeiro soneto. Tudo o que escrevi até *Bagagem* não tem nenhum valor literário. São coisas que têm importância, para mim, afetiva, de um bom tempo da minha vida. Agora, literatura, a entrega a um processo de escrita torrencial, eu comecei aos quarenta anos.

Eu é quem preciso do exercício de escrever. Vejo como um dever, uma fidelidade a Deus que me concede o dom. Qualquer pessoa, e infelizmente isso acontece muito, consegue viver fora de sua vocação, mas, com altíssimo custo para sua saúde e prejuízo para a comunidade humana, porque o exercício do dom é exigência desse mesmo dom.

Como funciona seu processo de escrita? Que tipo de sensação ou vontade vem primeiro no momento da construção de seus poemas?

Você sente que algo “pede” expressão. Então, é o momento do trabalho concreto de escrever, procurar como dizer aquilo que está pedindo expressão. Num primeiro momento,





“

Se a escola parar de tratar a literatura como matéria de vestibular e incluí-la no feijão com arroz de sua atividade pedagógica, o resto acontecerá sozinho e melhor: sem esforço.

”

acredito na inspiração. É o estado e fruição poética que determinada coisa lhe provoca, com o desejo imediato de expressar aquilo. É uma necessidade fatal. O segundo, a escrita propriamente, considero momento de enorme prazer e alegria. É uma coisa fantástica escrever, descobrir sua própria voz. Quem escreve sabe disso.

Como foi o aparecimento do seu primeiro livro, *Bagagem*?

O livro apareceu em 1976. Eu comecei a escrevê-lo por volta de 1973. Meu primeiro livro foi feito num entusiasmo, na felicidade da descoberta. Emoções para mim inseparáveis da criação, ainda que nascidas, muitas vezes, do sofrimento. E os poemas praticamente irromperam, apareceram cargas e sobrecargas de poemas.

Eu escrevia muito nesse período, e quando eu vi que o volume tinha uma unidade, que ele

não era apenas uma coleção de poemas, pois tinha uma fala peculiar, dele próprio, entre outros títulos que me ocorreram, *Bagagem* era o que resumia, para mim, aquilo que não posso deixar ou esquecer em casa. A própria poesia.

Temas relacionados à mulher, à religiosidade, ao amor e ao desejo são predominantes em sua obra. Existem temas que são mais poéticos ou mais líricos que outros? Ou a poesia pode servir “a todas as fomes”?

A poesia não é assunto, não é enredo, não é tema. Poesia é forma, que se utiliza de tudo. Não há temas mais poéticos. O real é o grande tema. E nós temos o real no cotidiano, configurado no amor, na morte, nas virtudes e nas mais diversas paixões que nos habitam. Qualquer coisa é a casa da poesia. Ela alimenta, dá significação, sentido à vida. A poesia pousa onde lhe apraz. Tem o dom de espalhar humanidade.

Existe uma poesia “feminina” e outra “masculina”?

Poesia feminina é uma tristeza tão grande quanto poesia masculina. Como não tem assunto, a poesia também não tem gênero. É hermafrodita. A poesia é fraterna, solidária, chama tudo a um centro humano divino. É sempre comunhão.

O que dá mais trabalho, ficção ou poesia?

Os dois dão a mesma alegria. A ficção tem feitura mais trabalhosa. Se pudesse escolher, seria só poesia.

Quais são os autores decisivos para sua formação literária?

Dos autores do meu curso primário, cito alguns: Olavo Bilac, Cecília Meireles, Martins Fontes,

Castro Alves têm minha perene gratidão. Adulta, conheci nossos grandes: Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e outros maravilhosos autores, incluindo muitos estrangeiros, foram e são importantes, porque me fazem ver o que é literatura, a diferença crucial entre versos bonitos e um poema verdadeiro.

Em que medida eles foram fundamentais?

Por meio das obras deles eu vi espelhada a minha humanidade. Eu falei: “Sou um igual”. Eu me vi reconhecida, me vi refletida, e eles confirmaram a minha humanidade. Gostam do que eu gosto. Minha felicidade foi imensa. Continuava a escrever, mas enfadava-me do meu próprio tom, haurido de fontes que não a minha. Até que um dia, após a morte de meu pai, começo a escrever incessantemente e percebo uma fala minha, diversa da dos autores que amava. É isso, é a minha fala. Isso me deu um descanso, me deu alegria.

Nossa publicação é voltada a professores de escolas públicas do Brasil. Conte-nos um pouco de sua longa experiência como professora. Sendo poeta e escritora, como lidava com o trabalho de leitura e escrita de seus alunos?

Não tem segredo. Fui professora antes de publicar meu primeiro livro. Se ofereço bons autores aos alunos e os deixo ler sem o castigo de “tirar a mensagem do autor”, descobrirão a

maravilha do universo que um livro pode oferecer. A literatura trata da experiência humana. O leitor se apropria do texto porque o texto se torna dele. Se a escola parar de tratar a literatura como matéria de vestibular e incluí-la no

feijão com arroz de sua atividade pedagógica, o resto acontecerá sozinho e melhor: sem esforço. E, melhor ainda, com imensa alegria. Acabei de escrever meu segundo livro infantil: *Carmela vai à escola*. E coincidentemente lá está a melhor resposta que poderia oferecer à sua pergunta.

Os professores que participam da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* trabalham em sala de aula com a leitura e a escrita de gêneros textuais, entre eles a poesia. Na opinião

da senhora, que tipo de postura um professor pode ter na hora de trabalhar poesia com crianças e adolescentes?

A melhor postura é a de mostrar que ele mesmo, professor, ama a leitura, contagiar os alunos através da ficção e da poesia com seu entusiasmo sobre nossa maravilhosa língua portuguesa. Sem isso não tem nem como começar a falar do assunto. Não há congresso pedagógico que dê jeito nessa miséria, professores que se gabam de não gostar de ler. Mas esta entrevista me anima. Há muita gente boa preocupada em melhorar a qualidade da vida e do ensino de nossas crianças. Longa vida aos que levam a sério a tarefa de fazer do nosso país uma nação.



Adélia Luzia Prado Freitas (13/12/1935), professora, poeta, romancista e contista, nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, filha do ferroviário João do Prado Filho e da dona de casa Ana Clotilde Corrêa. Aos quinze anos, abalada pela morte da mãe, começa a escrever e em 1969 publica, em parceria com o escritor Lázaro Barreto (1934), *A Lapinha de Jesus*. Quatro anos depois, envia alguns de seus poemas ao poeta Affonso Romano de Sant'Anna (1937), que os submete à apreciação do escritor Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Entusiasmado, Drummond sugere a publicação do que viria ser o livro de estreia de Adélia Prado, *Bagagem*, em 1976. O primeiro livro de prosa, a coletânea de contos *Solte os cachorros*, ela lança em 1979, e, no ano seguinte, o primeiro romance, *Cacos para um vitral*. Em 2006, publica *Quando eu era pequena*, primeiro trabalho dedicado ao público infantojuvenil. Em 2010, um novo livro, *A duração do dia*, uma coletânea de 71 poemas inéditos. Com um estilo que contrasta a leveza das palavras com a força dos sentimentos, seu olhar único sobre as coisas aparentemente desimportantes do cotidiano revela a perplexidade e o encantamento da vida. Sua obra, que contém fortes elementos do catolicismo, remete à paisagem e ao cotidiano de Minas Gerais, com uma abordagem inovadora da sexualidade feminina. Adélia vive em sua cidade natal, dedicada a questões ligadas à educação e cultura públicas.

Diversa, múltipla, intensa

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, edição 2010, em suas duas últimas etapas – semifinal e final –, reuniu mais de mil pessoas em quatro Estados e em Brasília. Gente do país inteiro unida pela principal marca da brasilidade: a língua portuguesa.

Luiz Henrique Gurgel



Alunos e professores celebram medalha de ouro.

Na semifinal do gênero Crônica, que se realizou em Curitiba (PR), a estudante Jamila de Sousa Azevedo, de Macapá (AP), estava admirada de tamanha “diversidade”. Curiosa, a cada colega que passava por ela falando pelos corredores do hotel ou nos passeios ela perguntava a quem estivesse próximo: “De onde era aquele sotaque que passou ali”. Jamila também ficou encantada com as araucárias, árvores típicas do Paraná e bem diferentes de qualquer espécie amazônica. “Elas são bonitas”, disse, apesar de menos exuberantes que as encontradas na floresta amazônica, um dos principais patrimônios do Estado natal da estudante.

Poucas vezes a palavra “diversidade” fez tanto sentido para os adolescentes e professores que participaram das semifinais e da final da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, edição 2010. Se a língua portuguesa era o fator que unia a todos, as

várias maneiras brasileiras de expressá-la era o que mais provocava curiosidade. Em Fortaleza (CE), na semifinal do gênero Poema, um aluno bilíngue chamou a atenção dos participantes. Adolfo Si Rupi Simisuté é índio xavante, aluno da professora Maria Dias dos Santos, de Campinápolis (MT). Adolfo fala e escreve com desenvoltura em português e xavante. Era frequentemente procurado pelos colegas de várias partes do Brasil para dizer nomes de coisas e expressões em sua primeira língua. O belo poema de Adolfo chegou à final. Fala da famosa Lagoa Encantada, um lugar sagrado da mitologia xavante, localizada na região da serra do Roncador, onde fica sua aldeia.

Mas a Olimpíada mostrou que pode abarcar ainda mais diversidades. A estudante Rosilda Araújo, do Crato (CE), tem 34 anos e é aluna da professora Joana Darc Lemos no 8º ano do Ensino Fundamental. Rosilda teve glaucoma,

doença que afeta o nervo óptico, e desde a infância é deficiente visual. Ela vive na zona rural do município e entrevistou uma vizinha de 100 anos para escrever seu texto no gênero Memórias literárias. Falante e desembaraçada, conta que frequentou a escola até os 8 anos, quando já apresentava dificuldades de visão: “Eu enganava a professora fingindo que lia e escrevia”. O segredo não durou muito tempo e ela teve que sair da escola, para onde só retornou há quatro anos, quando foi alfabetizada em braille. A comissão julgadora do Ceará só soube da condição de Rosilda depois de avisar a escola de que o texto dela havia sido selecionado. “Toda mídia veio atrás de mim. Isso mostra que o deficiente visual não é um coitadinho, ele só precisa ter seus direitos garantidos”, afirma Rosilda. De tanto escrever, ela começou a sentir dores em um dos braços por causa dos movimentos repetitivos para a escrita em braille. Sonha em ter um computador apropriado. Atualmente está lendo *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e essa é outra dificuldade: a biblioteca da escola só possui dezessete livros nesse sistema, a maioria de autores infantis. Nada disso desanima a moça, que quer ser advogada. Para participar da semifinal em Belo Horizonte (MG), Rosilda também foi acompanhada de sua professora de braille, Larissa Leite.



Roberto Setubal e Fernando Haddad homenageiam alunos finalistas.

Semifinais: as surpresas em Fortaleza e Curitiba

Entre os dias 2 e 18 de novembro, quatro capitais – uma para cada gênero da Olimpíada –, receberam os 500 semifinalistas de todo o Brasil. Em Curitiba ficaram estudantes e professores classificados em Crônica; Fortaleza recebeu os de Poema; Belo Horizonte, os de Memórias literárias; São Paulo, os de Artigo de opinião. Cada encontro durou três dias. Logo na abertura, estudantes e professores recebiam medalhas de bronze por terem alcançado aquela etapa. Depois, separados, participavam das oficinas de formação. Professores assistiam a palestras com especialistas em gêneros textuais e tinham encontros com formadores para discutir temas





Presidente Lula e o ministro da Educação Fernando Haddad felicitam vencedores da Olimpíada.

de prática em sala de aula. Os alunos realizavam atividades de leitura e escrita, além de uma última revisão dos próprios textos, junto com seus professores. Eles também iriam produzir um novo texto – do mesmo gênero em que participavam – durante as oficinas. Para descontrair, passeios por pontos turísticos das cidades e visita a uma feira de livros exclusiva, onde puderam escolher títulos para levar para casa.

Mas em cada encontro uma surpresa. Em Fortaleza, um estúdio de gravação foi montado num quarto do hotel que hospedava os participantes das oficinas de Poema. Os 125 alunos puderam gravar trechos de seus poemas e levar o CD “Versos de diversos lugares” que também incluía as gravações dos outros

participantes. No total, a coletânea de poemas era composta por quatro CDs, com os poemas e os nomes dos alunos-autores, das suas cidades, dos professores e das escolas.

Em Curitiba, os jovens cronistas tiveram um encontro especial com Cristiano Mascaro, um dos principais fotógrafos do país. Com a fama de ser um “cronista visual” pelas belas e inusitadas imagens que capta do cotidiano, Mascaro comparou o olhar do fotógrafo com o do cronista. Ambos estão sempre observando e “refazendo” o mundo: “A crônica é o mundo desfeito e refeito. É desfazer o mundo e refazê-lo de uma maneira mais emocionante”, afirmou. O resultado da conversa surpreendeu. No dia seguinte, os estudantes receberam máquinas fotográficas e, acompanhados



dos monitores, foram às ruas de Curitiba para “captar o cotidiano”. As fotos produzidas serviriam de tema para a criação de uma nova crônica. Mas, além do texto, a expedição gerou um painel das fotos dos estudantes espalhadas pelos corredores do hotel, surpreendendo hóspedes e funcionários.

Encontro com Fernando Brant e um programa de TV ao vivo

Belo Horizonte não deixou de proporcionar outro encontro inesquecível, dessa vez com os estudantes que escreveram textos de Memórias literárias. A atividade mais esperada foi a entrevista coletiva que os alunos fizeram com Fernando Brant, um dos principais compositores da MPB, famoso parceiro de Milton Nascimento e membro fundador do lendário Clube da Esquina, movimento de músicos mineiros que deu nova face para a nossa música popular. Brant falou da sua infância, do começo de carreira e do processo de criação. A conversa serviria de fonte de inspiração para a escrita de outro texto. No dia seguinte, um novo encontro. Dessa vez, o autor de *Travessia*; *Maria, Maria*; *Canção da América*; *Bola de meia, bola de gude*; entre outras, iria ouvir o que os estudantes escreveram sobre suas lembranças. De jeito tímido e contendo a emoção, o compositor foi ovacionado e não escondeu a surpresa: “Eu cheguei aqui entusiasmado, mas não pensei que o momento fosse tão grande”, declarou. Na semana seguinte, fez

do encontro tema da coluna que escreve no jornal *O Estado de Minas*, com o título “Escrevendo o futuro” (veja o texto na Comunidade Virtual <http://escrevendo.cenpec.org.br/ecf/index.php?option=com_content&task=view&id=25536>).

São Paulo também transformou uma das dependências do hotel onde ocorriam as oficinas em estúdio. Dessa vez, para uma transmissão de TV ao vivo. Foi assim que os estudantes dos 2º e 3º anos do Ensino Médio de todo o país, semifinalistas de Artigo de opinião, puderam dizer, para o Brasil e para o mundo, o que pensam sobre o universo virtual e as novas tecnologias, tema dos debates do programa *Ponto de Vista*, desenvolvido especialmente pela equipe da Olimpíada junto com produtores do programa *Ao Ponto*, do Canal Futura. A transmissão, via internet, foi feita pela Comunidade Virtual (<<http://escrevendo.cenpec.org.br>>). Escolas de várias regiões do país instalaram telões para ver seus representantes. Internautas também podiam participar enviando perguntas por *e-mail* ou pelo Twitter. O programa foi gravado e vai virar um DVD.

A festa final

Depois de percorrer quatro Estados, a caravana da Olimpíada fez sua última e principal parada em Brasília, no dia 29 de novembro. Era a grande festa com a presença do presidente da República, Luiz Inácio Lula da





Presidente Lula, Fernando Haddad e Maria Alice Setubal na festa de premiação.

Silva; do presidente do Banco Itaú e da Fundação Itaú Social, Roberto Setubal; do ministro da Educação, Fernando Haddad; e da presidente do Conselho de Administração do Cenpec, Maria Alice Setubal. Os finalistas, com seus respectivos professores, diretores, além de um representante da família, lotaram os 700 lugares do auditório do Museu Nacional, que precisou de cadeiras extras para acomodar a todos.

Adriana Calanhoto fez uma apresentação especial e foi acompanhada por centenas de vozes ao cantar seu maior sucesso entre estudantes e professores, a música *Fico assim sem você*. Choro, aplausos e muita emoção

marcaram o anúncio dos vinte vencedores, que, junto com seus professores, receberam as medalhas das mãos do presidente Lula. Eles também ganharam computadores com impressoras. Já a escola recebeu um laboratório de informática com dez computadores, impressora, além de novas publicações para a biblioteca. No encerramento, professores e estudantes receberam um livro com todos os textos finalistas. E para quem achava que as surpresas tinham acabado, do lado de fora do teatro painéis de quase 2 metros de altura estampavam os textos vencedores. Chegava ao fim a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, edição 2010.



O doce sabor do desafio

Elizabeth Mendes da Silva

Desafio é a palavra adequada para iniciar este relato. Desafio porque ao iniciar as atividades da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, edição 2010, pensei que não seria nada fácil fazer com que os alunos entendessem esse gênero textual e escrevessem textos à altura de uma olimpíada. Quando a supervisora perguntou-me se eu iria me inscrever para o concurso, falei que sim, porque seria uma ótima oportunidade para os alunos conhecerem melhor o gênero crônica, mas que talvez não conseguíssemos chegar a enviar textos para a etapa municipal.

Então peguei o material e comecei a folheá-lo, lê-lo, preparando-me para o trabalho com os alunos. Confesso que senti medo, relutei, quase desisti, pensando que os alunos poderiam não se entusiasmar. Refleti, tomei coragem e segui adiante.

Quando conversei com os alunos a respeito da Olimpíada, eles achavam que se tratava de uma prova com questões sobre conteúdos estudados. Apresentei-lhes

o material e expliquei-lhes como seria o trabalho. Para minha surpresa os alunos ficaram empolgados. Inclusive, um deles ficou depois do horário conversando comigo, dizendo que havia gostado da proposta e que iria se dedicar para produzir uma boa crônica.

Dei início às oficinas. Na primeira atividade, perguntei-lhes se lembravam de ter lido alguma crônica, se liam, onde costumavam encontrá-las. Percebi que muitos não tinham familiaridade com esse gênero. Então lhes entreguei exemplares de jornais e pedi-lhes que os folhassem procurando onde estavam as crônicas. Os alunos tiveram um pouco de dificuldade em encontrá-las ou mesmo em reconhecê-las no jornal. Ajudei-os a localizá-las e a identificar as características que continham. Pedi-lhes que selecionassem no jornal aquelas de que tivessem gostado,

preparando-se para apresentarem-nas aos colegas. Perguntei-lhes o que haviam percebido nos textos que leram, sobre o que os cronistas escreviam, o jeito de escrever; deixando que expressassem suas opiniões e seus gostos. A partir daí combinamos que eles pesquisariam crônicas em livros, na internet ou em jornais e, no início de cada aula, um aluno apresentaria uma crônica.

Na próxima etapa, comecei a falar sobre o cronista Fernando Sabino, se eles se lembravam de outros textos desse autor, até porque já havíamos lido textos dele em outras ocasiões. Apresentei o título “A última crônica”. Entreguei o texto para ser lido em duplas. Fiquei pensando: “O que será que eles dirão depois de lerem o texto? Só falta não gostarem!” Mas qual foi a minha surpresa ao circular entre os alunos, e um deles me disse: “Nossa! Esse texto realmente me emocionou, principalmente esse final forte, lindo! ‘Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso’”. Estava aí a resposta que eu precisava para continuar o trabalho com garra até o final.

Prossigui nas atividades do Caderno do Professor *A ocasião faz o escritor*. Na leitura de diferentes crônicas percebi que os alunos apresentavam dificuldade de entender nos textos lidos: o tom das crônicas, o conteúdo, a localização das palavras de outras épocas. Para ampliar o conhecimento, fomos à biblioteca em busca de livros de crônica. Comecei a procurar outras crônicas para ler em voz alta nas aulas seguintes. Precisava envolvê-los, estimulá-los a mergulhar na leitura para que conseguissem entender melhor, antes da primeira produção. Decidi levar a crônica “Da solidão”, de Cecília Meireles, e “O amor por entre o verde”, de Vinicius de Moraes. Quando os alunos estavam acabando a leitura, rompi o silêncio, lendo em voz alta – caprichando na entonação – a crônica de Cecília. Os alunos, surpresos, acompanhavam a leitura com gosto. Aplaudiram. Deixei que fizessem observações, comentários. Um dos alunos falou: “Ah, que pena que a aula acabou. Quando está interessante, o tempo voa, logo a aula acaba”. Adorei esse momento!



Veio a primeira produção. Preparação e muita conversa. Expectativa, escrita e revisão. Como previ, no início dificuldades apareceram. Teria que trilhar um longo caminho para que os alunos entendessem bem o processo de produção da crônica. Continuamos bem acompanhados pelos maravilhosos cronistas: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira, Affonso Romano de Sant'Anna, Ferreira Gullar e outros, lendo sobre os temas amor e futebol. O tema futebol coincidiu com a época da Copa do Mundo da África; assim contextualizado, a participação superou a expectativa. As palavras do universo futebolístico instigaram a leitura do texto "Peladas". As figuras de linguagem exigiram um fôlego especial para que fossem compreendidas. Planejei exercícios extras. Identificá-las em trechos de músicas, em crônicas.

A crônica "Um caso de burro", de Machado de Assis, propiciou muitas descobertas. A revista *Na Ponta do Lápis* e outros livros da biblioteca também contribuíram para ampliar o conhecimento sobre o autor. Moacyr Scliar, com a crônica "Cobrança", ajudou a esclarecer dúvidas sobre os recursos linguísticos e discursivos, bem como a percepção de como uma crônica pode ser escrita a partir de uma notícia e as diferenças de linguagem da crônica e da notícia. De crônica em crônica, os alunos começam a reconhecer os estilos dos autores, os elementos narrativos, o tom utilizado por eles. Foram muitas leituras, descobertas e determinação para conseguir realizar o trabalho. Desenvolver a competência de leitura e escrita é um grande desafio. Não se faz da noite para o dia. Ciente disso, prossegui, como diz Almir Sater, "... como um velho boia-deiro / levando a boiada / eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou". Para poder

"conhecer as manhas / e as manhãs / o sabor das massas / e das maçãs".

Chegada a hora de apurar o olhar para o lugar onde se vive, fomos à luta: selecionando notícias do dia a dia, fotos do lugar, trocando ideias, produzindo e revisando as escritas. Era muito bom ver como alguns alunos liam e reliam o que haviam escrito e trocavam com os colegas para que os ajudassem na melhoria de seus textos. Nem todas foram maravilhosas, mas me surpreendi com crônicas bem escritas. Valeu a pena o esforço.



A sequência didática do Caderno do Professor, a coletânea de textos e o CD-ROM, abrem novas perspectivas para a prática pedagógica.

Ao finalizar as oficinas constatei que houve uma boa evolução da leitura e da escrita dos alunos. Foi uma experiência enriquecedora, pois eu também aprimorei meus conhecimentos sobre a crônica e tive mais clareza do meu fazer. Agora, como diz Almir Sater em sua música, "hoje me sinto mais forte, / mais feliz, quem sabe. [...] Cada um de nós compõe a sua história / cada ser em si / carrega o dom de ser capaz / e ser feliz". É assim que me sinto neste momento: muito feliz!

Elizabeth Mendes da Silva é professora da Escola Municipal Valentim João da Rocha, Joinville (SC), vencedora do Relato de Prática em 2010.

As cores

Orígenes Lessa

Maria Alice abandonou o livro onde seus dedos longos liam uma história de amor. Em seu pequeno mundo de volumes, de cheiros, de sons, todas aquelas palavras eram a perpétua renovação dos mistérios em cujo seio sua imaginação se perdia. Esboçou um sorriso... Sabia estar só na casa que conhecia tão bem, em seus mínimos detalhes, casa grande de vários quartos e salas onde se movia livremente, as mãos olhando por ela, o passo calmo, firme e silencioso, casa cheia de ecos de um mundo não seu, mundo em que a imagem e a cor pareciam a nota mais viva das outras vidas de ilimitados horizontes.

Como seria cor e o que seria? Conhecia todas pelos nomes, dava com elas a cada passo nos seus livros, soavam aos seus ouvidos a todo momento, verdadeira constante de todas as palestras. Era, com certeza, a nota marcante de todas as coisas para aqueles cujos olhos viam, aqueles olhos que tantas vezes palpara com inveja calada e que se fechavam, quando os tocava, sensíveis como pássaros assustados, palpitações de vida, sob seus dedos trêmulos, que diziam ser claros. Que seria o claro, afinal? Algo que aprendera, de há muito, ser igual ao branco. Branco, o mesmo que alvo, característica de todos os seus, marca dos amigos da casa, de todos os amigos, algo que os distinguia dos humildes serviçais da copa e da cozinha, às vezes das entregas do armazém. Conhecia o negro pela voz, o branco pela maneira de agir ou falar. Seria uma condição social? Seguramente. Nos primeiros tempos, perguntava. É preto? É branco? Raramente se enganava agora. Já sabia... Nas pessoas, sabia... Às vezes, pelo olfato, outras, pelo tom de voz, quase sempre pela condição. Embora algumas vezes – e aquilo a perturbava – encontrasse também a cor social mais nobre no trato das panelas e na limpeza da casa. Nas paredes, porém, nos objetos, já não sentia aquelas cores. E se ouvia geralmente um tom de desprezo ou de superioridade, quando se falava no negro das pessoas, que envolvia sempre a abstração deprimente da fealdade, o mesmo negro nos gatos, nos cavalos, nas estatuetas, vinha sempre conjugado à ideia de beleza, que ela sabia haver numa sonata de Beethoven, numa fuga de Bach, numa *polonaise* de Chopin, na voz de uma cantora, num gesto de ternura humana.

Que seria a cor, detalhe que fugia aos seus dedos, escapava ao seu olfato conhecedor das almas e dos corpos, que o seu ouvido apurado não aprendia, e que era vermelho nas cerejas, nos morangos e em certas gelatinas, mas nada tinha em comum com o adocicado de outras frutas e se encontrava também nos vestidos, nos lábios (seriam os seus vermelhos também e convidariam ao beijo, como nos anúncios de rádio?), em certas cortinas, naquele cinzeiro áspero da mesinha do centro, em determinadas rosas (e havia brancas e

amarelas), na pesada poltrona que ficava à direita e onde se afundava feliz para ouvir novelas? Que seria a cor, que definia as coisas e marcava os contrastes, e ora agradava, ora desagradava? E como seria o amarelo, para alguns padrão de mau gosto, mas que tantas vezes provocava entusiasmo nos comentários do mundo onde os olhos *viam*? E que seria *ver*? Era o sentido certamente que permitia evitar as pancadas, os tropeços, sair à rua sozinho, sem apoio de bengala, e aquela inquieta procura de mãos divinatórias que tantas vezes falhavam. Era o sentido que permitia encontrar o bonito, sem tocar, nos vestidos, nos corpos, nas feições, o bonito, variedade do belo e de outras palavras sempre ouvidas e empregadas e que bem compreendia, porque o podia sentir na voz e no caráter das pessoas, nas atitudes e nos gestos humanos, no *Rêve d'Amour*, que executava ao piano, e em muita coisa mais...

Ver era saber que um quadro não constava apenas de uma superfície estranha, áspera e desigual, sem nenhum sentido para o seu mundo interior, por vezes bonita, ao seu tato, nas molduras, mas que para os outros figurava casas, ruas, objetos, frutas, peixes, panelas de cobre (tão gratas aos seus dedos), velhos mendigos, mulheres nuas e, em certos casos, mesmo para os outros, não dizia nada...

Claro que *via* muito pelos olhos dos outros. Sabia onde ficavam as coisas e seria capaz de descrevê-las nos menores detalhes. Conhecia-lhes até a cor... Se lhe pedissem o cinzeiro vermelho, iria buscá-lo sem receio. E sabia dizer, quando tocava em Ana Beatriz, se estava com o vestido bege ou com a blusa lilás. E de tal maneira a cor flutuava em seus lábios, nas palestras diárias, que para todos os familiares era como se a visse também.

— Ponha hoje o vestido verde, Ana Beatriz...

Dizia aquilo um pouco para que não dessem conta da sua inferioridade, mais ainda para não inspirar compaixão. Porque a piedade alheia a cada passo a torturava e Maria Alice tinha pudor de seu estado. Seria mais feliz se pudesse estar sempre sozinha como agora, movendo-se como sombra muda pela casa, certa de não provocar exclamações repentinas de pena, quando se contundia ou tropeçava nas idas e vindas do cotidiano labor.

— Machucou, meu bem?

Doía mais a pergunta. Certa vez a testa sangrava, diante da família assustada e do remorso de Jorge, que deixara um móvel fora do lugar, mas teimava em dizer que não fora nada.

E quando insistiam, com visita presente, para que tocasse piano, era sistemática a recusa.

— Maria Alice é modesta, odeia exposições...

Outro era o motivo. Ela muita vez bem que ardia em desejos de se refugiar no mundo dos sons, para escapar aos mexericos de toda a gente... Mas como a



remordia a admiração piedosa dos amigos... As palmas e os louvores vinham sempre cheios de pena e havia grosserias trágicas em certos entusiasmos, desde o espanto infantil por vê-la acertar direitinho com as teclas à exclamação maravilhada de alguns:

— Muita gente que enxerga se orgulharia de tocar assim...

Nunca Maria Alice o dissera, mas seu coração tinha ternuras apenas para os que não a avisavam de haver uma cadeira na frente ou não a preveniam contra a posição do abajur.

— Eu sei... eu já sei...

E como tinha os outros sentidos mais apurados, sempre se antecipava na descrição das pessoas e coisas. Sabia se era homem ou mulher o recém-chegado, antes que se pusesse a falar. Pela maneira de pisar, por mil e uma sutilezas. Sem que lhe dissessem, já sabia se era gordo ou magro, bonito ou feio. E antes que qualquer outro, lia-lhe o caráter e o temperamento. Àqueles pequeninos milagres de sua intuição e de sua capacidade de observar, todos estavam habituados em casa. Por isso lhe falavam sempre em termos de quem via para quem via. E nesses termos lhes falava também.

O livro abandonado sobre a mesa, o pensamento de Maria Alice caminhava liberto. Recordava agora o largo tempo que passara no Instituto, onde a família julgara que lhe seria mais fácil aprender a ler. Detestava o ambiente de humildade, raramente de revolta, que lá encontrara. Vivendo em comunidade, sabia facilmente quais os que enxergavam, sem que nenhum destes se desse conta disso ou dissesse que enxergava. Pela simples linguagem, pela maneira de agir o sabia. E ali começara a odiar os dois mundos diferentes. O seu, de humildes e resignados, cômicos de sua inferioridade humana, o outro, o da piedade e da cor.

— Me dá o cinzeiro vermelho, Maria Alice...

Maria Alice dava.

— Vou ao cinema com o vestido claro ou com aquele estampado, Maria Alice?

Maria Alice aconselhava.

Ninguém conseguia entender como sabia ela indicar qual o sapato ou a bolsa que ia melhor com este ou aquele vestido. Quase sempre acertava. Assim como ninguém sabia que, com o tempo, Maria Alice fora identificando as cores com sentimentos e coisas. O branco era como barulho de água de torneira aberta. Cor-de-rosa se confundia com valsa. Verde, aprendera a identificá-lo com cheiro de árvore. Cinza, com maciez de veludo. Azul, com serenidade. Diziam que o céu era azul. Que seria o céu? Um lugar, com certeza. Tinha mil e uma ideias sobre o céu. Deus, anjos, glória divina, bem-aventurança, hinos e salmos. Hendel. Bach. Mas sabia haver um outro, material, sobre as pessoas e casas, feito de nuvens, que associava à ideia do veludo, mais própria do cinza, apesar de insistirem em que o céu era azul.

Aquelas associações materiais, porém, não a satisfaziam. A cor realmente era o grande mistério. Sentira muitas vezes que o cinza pertencia a substâncias ásperas ou duras. Que o branco estava no mármore duro e na folha de papel, leve e flexível. E que o negro estava num cavalo que relinchava inquieto, com um sopro vigoroso de vida, e na suavidade e leveza de um vestido de baile, mas era ao mesmo tempo a cor do ódio e da negação, a marca inexplicável da inferioridade.

E agora Maria Alice voltava outra vez ao Instituto. E ao grande amigo que lá conhecera. Voltavam as longas horas em que falavam de Bach, de Beethoven, dos mistérios para eles tão claros da música eterna. Lembrava-se da ternura daquela voz, da beleza daquela voz. De como se adivinhavam entre dezenas de outros e suas mãos se encontravam. De como as palavras de amor tinham irrompido e suas bocas se encontrado... De como um dia seus pais haviam surgido inesperadamente no Instituto e a haviam levado à sala do diretor e se haviam queixado da falta de vigilância e moralidade no estabelecimento. E de como, no momento em que a retiravam e quando ela disse que pretendia se despedir de um amigo pelo qual tinha grande afeição e com quem se queria casar, o pai exclamara horrorizado:

— Você não tem juízo, criatura? Casar-se com um mulato? Nunca!

Mulato era cor.

Estava longe aquele dia. Estava longe o Instituto, ao qual não saberia voltar, do qual nunca mais tivera notícia, e do qual somente restara o privilégio de caminhar sozinha pelo reino dos livros, tão parecido com a vida dos outros, tão cheio de cores... Um rumor familiar ouviu-se à porta. Era a volta do cinema. Ana Beatriz ia contar-lhe o filme todo, com certeza. O rumor – passos e vozes – encheu a casa.

— Tudo azul? – perguntou Ana Beatriz, entrando na sala.

— Tudo azul – respondeu Maria Alice.

Orígenes Themudo Lessa, Lençóis Paulista, São Paulo (SP), 1903 – Rio de Janeiro (RJ) 1986. Contista, romancista, escritor de literatura infantil e juvenil e cronista.

“As cores”, in: Italo Moriconi. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, pp. 224-228.

O que dizem os artigos de opinião semifinalistas da Olimpíada 2010

Uma análise geral dos textos desta edição da Olimpíada revela que os estudantes se apropriaram das características do gênero Artigo de opinião. Veja quais foram os principais pontos abordados, os êxitos e as dificuldades dos estudantes.

Ana Luiza Marcondes Garcia

Cento e vinte e cinco artigos de opinião escritos por estudantes brasileiros do ensino médio chegaram à condição de semifinalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, edição 2010, programa promovido nacionalmente pelo Ministério da Educação (MEC). O que essa amostra pode nos revelar? Como são esses textos? E, fundamentalmente, que aspectos poderiam ser aperfeiçoados para que um texto viesse a ser finalista?

A seleção de textos no nível estadual é apenas uma das etapas de um longo processo que teve como um de seus pontos de partida a decisão de se tomar os gêneros do discurso como objeto de ensino-aprendizagem. Inspirado nas reflexões do teórico da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975) e nas propostas da Escola de Genebra – em particular, na reflexão de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz –, todo trabalho desenvolveu-se embasado no pressuposto de que as diversas esferas da atividade humana estão necessariamente relacionadas a determinados usos que fazemos da linguagem. Cada uma das inúmeras esferas em que vivemos e nas quais circulamos – cotidiana, profissional, escolar, política etc. – desenvolve usos próprios da linguagem na forma de gêneros discursivos.

Antes de produzir o texto para a Olimpíada, os estudantes, orientados por seus professores, participaram de diversas oficinas, na forma de sequências didáticas, para escrever este gênero discursivo: o artigo de opinião. Cabe, portanto, em primeiro lugar, lembrar as características principais desse gênero, antes de olharmos para os textos semifinalistas.

Ana Luiza Marcondes Garcia é professora titular do Departamento de Linguística da PUC-SP, atua na área de formação de professores e de produção de material didático de língua portuguesa.

Para tanto, vamos retomar sinteticamente o que já está posto tanto nas oficinas do caderno *Pontos de Vista*, que orientou o trabalho dos professores, como no CD-ROM que disponibilizou um curso interativo para que os avaliadores realizassem as primeiras análises dos textos.

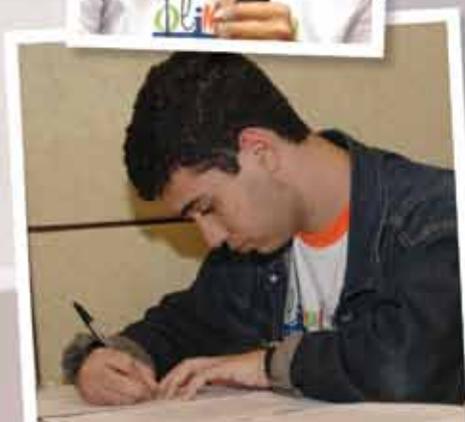
1. O gênero artigo de opinião

Artigo de opinião é um gênero de texto escrito em que se toma posição acerca de uma questão polêmica de interesse público. Uma questão polêmica é aquela que decorre de um assunto que gera discussões, sobre o qual as pessoas podem ter opiniões distintas. São questões que afetam, direta ou indiretamente, a vida de todos, por isso dizemos que elas são de interesse público ou têm relevância social. Daí a necessidade de debatê-las em profundidade como forma de participar da vida pública de uma comunidade, exercendo o papel de cidadão.

Os artigos de opinião nasceram e subsistem na imprensa escrita, que tem por objetivo não só informar os leitores por meio de notícias, mas também colaborar para análise e discussão da realidade.

Para escrever um artigo de opinião é preciso tomar partido explicitamente em relação a uma questão polêmica. Para tanto é necessário formulá-la claramente; tomar conhecimento do que já foi dito sobre o assunto; inserir a questão na história e no contexto do debate; incorporar a posição de outras pessoas (seja para concordar, seja para discordar); e, fundamentalmente, *argumentar*, ou seja, justificar a própria opinião com fatos, dados, exemplos, evidências, princípios, comparações, opiniões de especialistas etc.

O artigo de opinião pode tratar de temas que digam respeito a outros cidadãos que não



o seu próprio autor; pode partir de fatos que ocorrerem na comunidade e até mesmo de vivências pessoais, mas o autor deve articular o que é local ao geral, demonstrar que o tema é de interesse público.

Questões polêmicas geralmente demandam soluções não consensuais, e para que fiquem claras devem ser formuladas de maneira que seja possível responder a elas com um “sim” ou um “não”, assumindo-se uma posição “contra” ou “a favor”.

Para apresentar o tema, o autor não pode supor que o leitor já esteja a par do debate; pelo contrário, deve inserir o leitor na história e no contexto da discussão; deve dados históricos que fazem diferença para se entender a questão, atualizar o leitor com informações indispensáveis para acompanhar o debate.

No desenvolvimento do texto, o autor assume uma posição diante da polêmica, explicitando a sua opinião; ao final da leitura, deve ser possível identificar a posição do autor em relação ao tema. Mas não basta dar opinião, é preciso sustentá-la com argumentos. O autor deve apresentar fatos (os dados) que funcionam como ponto de partida para conduzir a uma conclusão (a tese), usando, para isso, justificativas (os argumentos) que sustentam sua ideia. Ainda que alguns desses elementos possam estar implícitos, deve ser possível recuperá-los pelo raciocínio, já que esses três elementos compõem o *núcleo* da argumentação.

Para convencer o leitor, o autor deve mobilizar informações pertinentes e diversificadas. O texto será mais convincente se o autor elege e usar variadamente entre seis possíveis tipos de argumento (de autoridade, por princípio, por causa/consequência, por evidência, por exemplificação e por comparação).

Ele também não pode ignorar posições contrárias à sua, pois isso mostrará não só que não está a par do debate como perderá a oportunidade de refutar posições contrárias às suas para provar que são inadequadas e descartá-las. Assim, é importante trazer a voz de diferentes pessoas ou instituições, seja para refutá-las, seja para reforçar sua posição. Há mais chances de convencer o leitor se este perceber que há quem concorde com o autor. A refutação de pontos de vista contrários é importante para mostrar que os argumentos dos opositores já foram considerados e ainda assim não se sustentaram. Apesar disso, o autor não deve adotar um tom excessivamente impositivo, sem dialogar com outras posições, sem negociar com opositores ou atenuar suas afirmações; a estratégia-chave é *negociação*, e não *imposição*.

Para concluir o texto, o autor estabelece uma articulação lógica entre as ideias apresentadas anteriormente e a conclusão a que conduz o leitor – esse é o momento de completar o caminho lógico que veio sendo preparado desde a introdução. Nesse caminho, é importante utilizar os conectivos e expressões que introduzem argumentos (“pois”, “porque”, “uma vez que” etc.) e conclusões (“portanto”, “logo”, “então”, “assim” etc.).

Também no final é o momento de articular o local ao geral, caso isso não tenha sido feito. Se as discussões focalizaram predominantemente um problema local, esse é o momento de mostrar por que o tema é de interesse público.

É nessas condições que o artigo de opinião pode ser eficaz em convencer o leitor, influenciá-lo ou conclamá-lo à ação. Ao final da leitura do artigo de opinião, o leitor deve ficar com a impressão de que o autor não deixa de ter razão, mesmo que não concorde totalmente com ele.

2. Os artigos de opinião semifinalistas

Consideradas tais características, o que se pode dizer dos 125 artigos de opinião semifinalistas? Olhando, inicialmente, para a totalidade da amostra, o que fica evidente é que não deve ter sido tarefa fácil escolher os finalistas, pois os textos têm qualidade. Se os compararmos aos artigos de opinião da Olimpíada de 2008, salta aos olhos que desta vez há textos mais fiéis ao gênero, mais bem estruturados, mais bem fundamentados, mais assentados em informações que demandaram pesquisa. Em uma palavra, mais convincentes. Certamente isso se deve à qualidade das oficinas preparatórias, mas principalmente ao empenho e competência dos professores e dos estudantes.

Ainda no plano das observações gerais, é curioso notar que, provavelmente, a busca de um rigor formal para a elaboração do texto pode ao mesmo tempo ter produzido certa homogeneidade na amostra. Há muitos textos que se assemelham, seja na condução argumentativa, seja na escolha do tema. Esse fenômeno se manifesta, por exemplo, na presença relativamente escassa do que se chamou, nas oficinas, de “recursos autorais”: a utilização de procedimentos discursivos que marcam a voz do autor e procuram prender a atenção do leitor. Vale registrar que é mais ou menos comum encontrar textos rigorosamente corretos, mas nem sempre instigantes. Isso não significa que não haja artigos de opinião envolventes (há vários!), mas sim que, entre os 125, muitos não chegaram à reta final por essa razão.

A que se pode atribuir tal fato? Parece-me que a complexidade da tarefa seja um dos motivos. Se considerarmos os outros gêneros discursivos da Olimpíada 2010 – Poema, Memórias literárias e Crônica –, é possível dizer que o Artigo de opinião, comparado aos demais, tem natureza menos subjetiva, ele não “fala de si”, mas do que é público. É também o que menos aceita incursões literárias

ou tiradas estilísticas. Convenhamos, então, que encontrar um equilíbrio entre abordar questões de relevância social, sem deixar que as reflexões passem para o plano pessoal, e, ao mesmo tempo, imprimir marcas próprias ao texto não é tarefa trivial.

E sobre o que falam os artigos de opinião? Que temas são mais recorrentes? No que diz respeito ao tema, sem sombra de dúvida predomina o meio ambiente. Pode-se dizer que a polêmica preferida foi “preservação do ambiente ou qualidade de vida *versus* desenvolvimento”. Generalizando, o título que resumiria uma grande massa de artigos de opinião da amostra seria algo como “O preço do progresso”, conduzindo, na grande maioria dos casos, para a posição de que não vale a pena pagá-lo.

Duas suposições podem ser feitas a esse respeito. A primeira considera a escolha dos próprios estudantes. Como se sabe, a questão ambiental está na pauta das grandes discussões nacionais e internacionais e, certamente, dos nossos currículos, o que pode ter definido a preferência. Pode-se ainda aventar a possibilidade de que os textos sejam um reflexo do atual momento brasileiro de expansão de grandes obras, instalação de indústrias, mecanização da produção, urbanização acelerada etc. e a percepção local de como isso tudo impacta o dia a dia da população. É verdadeiramente significativo o número de textos que focaliza esse aspecto.

Outra suposição seria a de que os professores e os avaliadores tenham, de alguma forma, determinado parcialmente essa escolha, na tentativa de repetir um tema que foi vencedor na Olimpíada de 2008. Não devemos nos esquecer de que esses 125 semifinalistas passaram por três crivos: o da seleção na escola, no município e no Estado. Assim, nada garante que as avaliações não tenham privilegiado temas que, na visão dos professores e analistas, teriam mais chances de se tornarem vencedores – o que não é fato.

Olhando agora para aspectos que não dizem respeito à totalidade da amostra, mas são recorrentes, é possível dizer que vários textos não chegaram à final por dois motivos: ou porque buscaram mais *denunciar* uma situação do que *polemizar* ou porque não chegaram a explicar claramente a polêmica de fundo.

Vejamos um exemplo genérico do primeiro caso. O estudante inicia o texto fornecendo



dados históricos sobre uma pequena e pacata cidade, enfatizando a simplicidade da vida local, a tranquilidade dos moradores, e introduz um elemento inédito: a implantação de uma nova lei de trânsito, ou a exigência recente da prefeitura local, o início de uma obra de grande porte na região ou ainda o surgimento de uma prática que “virou moda” na cidade. Com base nisso, o autor enumera os prejuízos, incômodos, problemas, infortúnios ou conflitos decorrentes da nova situação. Em duas ou três linhas, chega até a apontar um outro lado da questão ou trazer uma voz discordante, mas de maneira muito vaga e genérica, sem considerar outras causas, aprofundar os contra-argumentos e refutá-los devidamente. O texto assume um tom de denúncia, geralmente caracterizada de forma simplista como uma luta entre “o bem e o mal”. A lição que se tira daqui é a de que não basta identificar e descrever um problema para instalar uma polêmica.



No segundo caso, o autor focaliza um tema potencialmente controverso, mas não recorta a polêmica dentro do tema com precisão. É o que ocorre em textos que tratam, por exemplo, de assuntos mais amplos, como as políticas públicas educacionais ou agrícolas para determinada região, sem dirigir o debate para um aspecto específico. Há uma certa impressão de generalidade que não se desfaz durante a leitura. É possível até perceber, ao final, que o autor escreveu o texto com uma questão controversa em mente, mas em nenhum momento chegou a formular claramente a polêmica, por exemplo, na forma de uma pergunta retórica que pudesse ser respondida com um “sim” ou com um “não”, deixando, na verdade, essa tarefa para o leitor. O efeito é o de um artigo de opinião que não se sabe exatamente a que veio, um texto que divaga, que leva o leitor a ficar esperando um ajuste de foco. Se tivesse sido possível definir o debate mais precisamente nos primeiros parágrafos, ou mesmo no título, essa impressão não emergiria.



Seja como for, em ambos os casos o autor não deixa de posicionar-se, dar a sua opinião, aliás, esse é um traço que pode ser observado em praticamente *todos* os textos da amostra: sempre há uma opinião, um posicionamento explícito, enunciado por meio de recursos discursivos adequados, como “penso que”, “na minha opinião”, “quero deixar claro que” etc. Também é verdade que em alguns casos há exageros, excesso de autoafirmação ou enunciados desnecessariamente fortes, fenômeno que talvez possa ser atribuído ao fato de que os autores estejam em plena adolescência. O mesmo motivo provavelmente também explica por que são relativamente mais raros, na amostra, textos que negociam com os opositores, aceitando em parte uma opinião contrária.



Vejam agora o que se pode observar em relação aos recursos argumentativos empregados nos textos. A primeira questão é que em todos há argumentação: dados que conduzem a uma tese sustentando-se em argumentos. Nem sempre o movimento argumentativo é conduzido de maneira exemplar, mas está lá. O que distingue determinados textos é que há autores que souberam eger e variar os tipos de argumento empregados de acordo com a situação. O mais utilizado é o argumento por causa e consequência: “como x, então y”. Também os

argumentos por exemplificação aparecem bastante, assim como os por evidência. Mais raros são os de autoridade (que dependem de pesquisa e domínio do tema), por comparação (que também demandam a busca de casos similares) e por princípio (assentados em leis, regras e preceitos gerais).

O emprego de argumentos variados no artigo de opinião, assim como a escolha do tipo de argumento mais adequado às diferentes situações, certamente foi proporcional à possibilidade que o estudante teve de praticar, mais ou menos vezes, o jogo da argumentação *Questões Polêmicas do Brasil*, material que fez parte das oficinas de preparação. O jogo não só proporciona maior familiaridade com os diferentes tipos de argumento como obriga o jogador a realizar um exercício, definido pela sorte, que é, em algumas jogadas, defender uma ideia com a qual não concorda, por meio de argumentos. Isso o leva a “colocar-se na pele de um outro”, favorece a alteridade, reforça a convivência com o diferente, além de levá-lo também a reavaliar a própria opinião, para alterá-la, ou reforçá-la, ou seja, a utilização mais intensa do jogo da argumentação também deve ter garantido que o artigo de opinião produzido não apresentasse um problema já apontado em alguns textos: a falta de aprofundamento na apresentação de vozes discordantes e de posições contrárias.

Outra questão que caracteriza alguns textos da amostra diz respeito à capacidade que o autor demonstrou em articular o local ao geral. Para pensá-la é importante lembrar que o tema da Olimpíada 2010 foi “O lugar onde vivo”. Claro está que tal tema é bastante amplo, já que tanto o bairro onde se vive quanto o país em que se está é “o lugar onde vivo”. Mas as oficinas orientaram os professores no sentido de que o texto a ser produzido se reportasse a algum aspecto da realidade local. Um dos objetivos dessa opção foi levar o estudante a lançar um olhar reflexivo para sua cidade ou região, para retratá-la no texto. Por outro lado, como vimos, é próprio do gênero discursivo Artigo de opinião tratar de temas de interesse público, de relevância social. Por essa razão, as oficinas apontavam para a necessidade de o texto realizar uma articulação entre os aspectos locais e as questões de natureza mais geral, nacional e até mesmo internacional. O que se quis

evitar com essa recomendação? Que os artigos de opinião produzidos se fechassem sobre si mesmos, ficassem reduzidos a um plano excessivamente particular.

Mas nem todos os textos da amostra obtiveram sucesso nessa articulação. A leitura de alguns deles – principalmente daqueles mais voltados para a denúncia de uma situação local – mostra que o autor fixou-se apenas em uma situação, sem estender a validade de suas reflexões para aspectos mais gerais, sem mostrar como o fato focalizado é, na verdade, a expressão de um fenômeno social mais amplo.

Bem mais raros foram os textos que apresentaram proposta inversa: trataram de um problema mais amplo – por exemplo, educação, poluição, reciclagem de lixo – sem trazer a discussão para o aspecto local, seja pela utilização de um exemplo da região, seja para tomar uma situação ocorrida na cidade como ponto de partida das reflexões.

Também com menor recorrência na amostra, mas ainda assim com alguma regularidade, há textos cujos autores demonstraram não ter a sensibilidade adequada para equilibrar o espaço dedicado à exposição de dados, números, relatos históricos, detalhamento de informações oficiais e desenvolvimento da argumentação propriamente dita. É como se os escritos não tivessem *timing*, que, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss* (2009), significa “senso de oportunidade quanto à duração de um processo”. O texto demora para entrar no que interessa ou alonga-se demasiadamente em algum ponto. Vê-se que o autor realizou uma boa pesquisa, munuiu-se de dados e informações, mas não soube eleger o que era relevante. O resultado é um texto pouco instigante, que se “arrasta”.

Esse fenômeno remete a outro, que geralmente ocorre nos textos sem *timing*, mas não só: artigos de opinião demasiadamente longos, que deveriam ter sido reduzidos. O espaço a ser usado era rigorosamente a frente e o verso de uma folha, mas alguns autores recorreram a uma letra bastante “espremida”, para caber mais – tão espremida, que ficou difícil de ler, atrapalhando a recepção do texto.

Mas isso deve ser visto como um problema? Sim, na medida em que, se foi preciso espremer a letra para caber, o texto ainda carece de revisão, precisaria ser relido, cortado



ou “limado”, como dizem os profissionais da escrita. Afinal, a concisão é uma virtude a ser buscada na escrita. De fato, passando em revista bons textos da amostra, nota-se que eles têm, em média, uma página e meia. Não se trata apenas de tamanho ou extensão, mas de precisão no uso das palavras, o que produz um efeito de sentido decisivo: o texto parece “redondo”, como dizem os jornalistas – nada a tirar, nada a acrescentar.

Outro aspecto que merece algumas observações é a escolha de palavras. Nos bons textos nota-se que o autor não usou sempre a primeira palavra que lhe veio à mente, mas buscou aquela que cabia na situação. Isso não significa visar o rebuscamento, nem a sofisticação; pelo contrário, simplicidade e clareza devem ser as metas. A escolha lexical expressa também a utilização de recursos autorais: a seleção de um termo que surpreenda o leitor, o uso de uma metáfora para explicar-se, a introdução de aspas em uma palavra para marcar uma ironia etc. Adjetivos e advérbios mais bem escolhidos teriam evitado, na amostra, algumas afirmações exageradas ou excessivamente fortes que apontamos acima.

Finalmente, o título do artigo de opção: peça importantíssima na engrenagem do texto, a ser feito e refeito antes, no meio e depois da escrita do artigo. Na amostra, há títulos exemplares: adiantam a polêmica, sem “matar” a discussão logo de início, instigam a leitura; mostram-se originais, evidenciando recurso autoral, seja pelo uso preciso da pontuação, seja por recorrerem ao humor; há até mesmo os que fazem referências literárias. Alguns títulos da amostra poderiam ter evitado clichê, obscuridade e falta de concisão.

Uma última observação: as convenções da escrita foram bem observadas. Em geral, os textos estão corretos. Os problemas mais recorrentes são, de longe, crase e pontuação; os menos recorrentes: ortografia, acentuação e concordância; ainda assim, estão lá.

Para terminar, cabe lembrar que os problemas focalizados não co-ocorrem nos mesmos textos, e as observações realizadas são fruto de uma análise mais global da amostra, e não de um procedimento sistemático de análise estatística.

Referências bibliográficas

- BAKTHIN, M. (1953). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- HOUAISS, A. e outros. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MEC/CENPEC. *Pontos de vista – Caderno do professor*. São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada).
- . *QP Brasil: O jogo da argumentação*. São Paulo: Cenpec, 2010.
- RANGEL, E. O. *O processo avaliatório e a elaboração de “protocolos de avaliação”*. Brasília: Semtec/MEC, 2004.
- RIEKE, R. e SILLARS, M. O. *Argumentation and the decision making process*. Illinois: Scott, Foresman and Company, 1975.
- TOULMIN, S. (1958). *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Ferramentas).

O cotidiano em foco

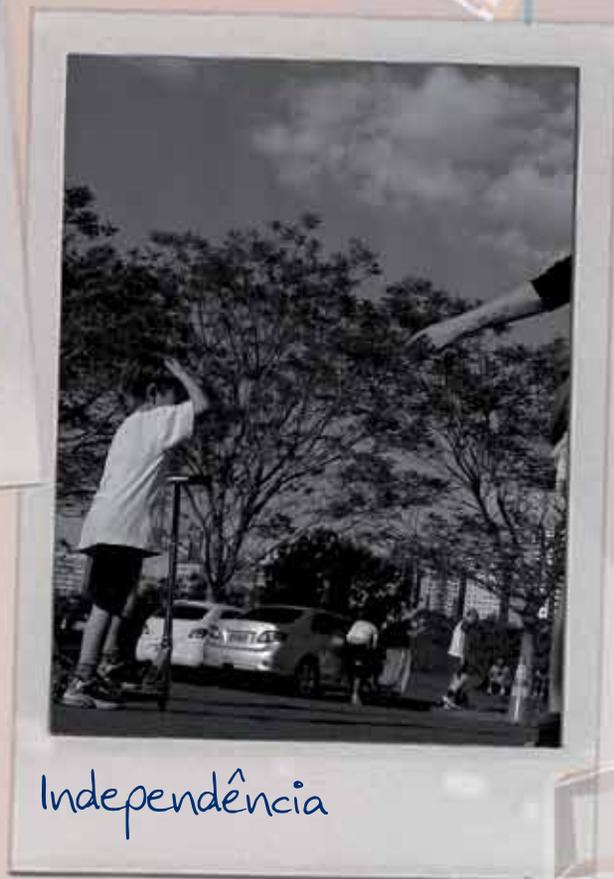
Cloris Porto Torquato



Na edição de 2010 da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* refletimos sobre o cotidiano dos lugares onde vivemos de diversas formas, em diferentes gêneros. Revivemos, em Memórias literárias, o cotidiano vivido e guardado nos recantos da memória, nalgum cantinho do baú de lembranças (algumas mais vivas, outras mais apagadas) que carregamos em nós. Discutimos, nos Artigos de opinião, os problemas e as questões mais polêmicas que vivenciamos cotidianamente em nossas comunidades. Em Poemas, exprimimos com lirismo e sensibilidade, brincando com as palavras (experimentando diferentes arranjos e curtindo as melodias), o que vimos ao nosso redor. Nas Crônicas, narramos com leveza, com jeito despretensioso, o que nossos olhares argutos perceberam, e nós observamos.

Dessa diversidade de modos de apreender o cotidiano em textos, a crônica parece ser o gênero que está mais próximo do dia a dia; é do cotidiano que a crônica nasce e se alimenta. O vínculo da crônica com o cotidiano deve-se, em grande parte, à relação que a crônica estabelece com seu veículo de origem – o jornal.

Cloris Porto Torquato é mestre em linguística aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2003) e doutora em linguística pela mesma universidade (2009).



Distinta das notícias jornalísticas por ter um caráter literário, a crônica caracteriza-se como um gênero híbrido e complexo, que dialoga com os temas e os fatos tratados nas notícias. A crônica faz uma releitura subjetiva e pessoal dos fatos que as notícias pretendem informar de modo objetivo e impessoal. Essa releitura nos é apresentada em linguagem coloquial, solta, natural, com tonalidades regionalistas e, muitas vezes, líricas.

A elaboração da linguagem com que se constrói a releitura subjetiva do cotidiano permite que a crônica saia do espaço do jornal – portanto, da fugacidade e da transitoriedade jornalística – e seja transplantada para os livros. Ao focalizar com olhos atentos e reflexão perspicaz as pequenas coisas da vida, os costumes e os seres humanos, a crônica, algumas vezes, reveste de durabilidade e permanência os acontecimentos transitórios.



Histórias

Os alunos semifinalistas do gênero Crônica saíram às ruas de Curitiba para “captar o cotidiano”.



Amor maternal



Faces

Embora tenha herdado do jornalismo a variedade de assuntos, o apego ao cotidiano e a aparência de simplicidade, a crônica, por ser um gênero literário, partilha de uma característica da literatura: é uma tentativa de apreender a vida, de recortar um momento vivido (já que o todo da vida não pode ser condensado nem fixado, porque está em processo, em acontecimento), para tentar refletir sobre e compreender as ações, os acontecimentos, os costumes, as emoções, os pensamentos, as crenças; enfim, o ser humano e a vida.

Algumas características do gênero Crônica são recorrentes: com o objetivo de emocionar, divertir ou provocar reflexões, o cronista escolhe (recorta) um episódio e o narra em primeira ou terceira pessoa. Ao narrar, com linguagem simples (quase de conversa fiada), o cronista cria intimidade com o leitor e apresenta-lhe a vida como um acontecimento vivido

por personagens num determinado cenário. O cotidiano é reconstruído no texto pelas marcas linguísticas de tempo (principalmente o passado) e lugar (uma rua, um quarto, um bar, uma praça).

Nas crônicas semifinalistas da Olimpíada, muitas dessas marcas do gênero estiveram presentes. Muitos semifinalistas narraram – em primeira e em terceira pessoa – episódios particulares, acontecimentos corriqueiros do cotidiano que foram apresentados como singulares, únicos, especiais, porque revelam muito sobre a vida. Entre as narrativas, algumas fizeram do diálogo com o leitor a sua principal estratégia para narrar o episódio singular: “Caro leitor, esta crônica é sobre minha prima, Maria, uma nordestina de 18 anos que sonhava morar no Rio de Janeiro. [...] Ao ver Maria descendo do ônibus, no Terminal Rodoviário Novo Rio, eu era capaz de saber o que ela trazia na alma e no pensamento”.

Em algumas narrativas, as marcas linguísticas de tempo e lugar poderiam ser revistas com o intuito de aprimorar os textos. Especialmente no que se refere às marcas de



Atenda, por favor!



Poste de aluguel

lugar, em muitos textos, em função do tema da Olimpíada (“O lugar onde vivo”), há informação excessiva sobre o cenário. Muitos textos iniciam com informações sobre as cidades. Essas informações, no entanto, são pouco adequadas ao gênero. Uma vez que a crônica é publicada no jornal, os acontecimentos relacionados à vida na cidade onde é publicado o jornal não precisam ser demasiadamente situados. Basta alguma referência ao cenário específico do episódio, como explicitar se o fato ocorreu num bar, num quarto, numa rua ou numa igreja. Informações como o nome da cidade e a localização da cidade no Estado ou na região do Brasil são dispensáveis, porque os leitores do jornal da cidade partilham essas informações com o autor do texto.

Alguns, apesar de narrarem episódios singulares, constroem textos tipicamente escolares e apresentam marcas linguísticas dos contos infantis e das fábulas. Entre as marcas das histórias infantis presentes nos textos semifinalistas, destacam-se as expressões linguísticas semelhantes a “um dia”, “era uma vez”, “certo dia”, “muito tempo depois”, “passado muito tempo” e a apresentação de objetos (vestido, carro) que falam. Além disso, muitas narrativas caracterizam-se pelo intuito de moralizar, de ensinar o que é certo e bom. A crônica, diferentemente dos textos

moralizantes escolares, não pretende ensinar como as pessoas devem se comportar, como devem viver. A crônica narra e, eventualmente, analisa comportamentos e modos de vida.

Embora entre as crônicas semifinalistas predomine a narração de algum episódio, há um grande número de textos que se caracterizam como descrição. Nesses textos descritivos falta aos autores o olhar atento para o detalhe, para a miudeza da vida. Alguns olhares ainda não captaram, entre a profusão da vida, aquele acontecimento que, apesar de banal, é único e revelador. O observador ainda tenta abranger o todo. Nessa tentativa, deixa de narrar um episódio e acaba descrevendo a visão ampla que tem à sua frente: “Cinco da tarde, com os olhos vidrados na janela do ônibus, observo uma coisa. Algo me chama a atenção todos os dias a caminho de casa. Pessoas. São inúmeras pessoas. Gente de todo tipo, pra todo lado. Jovens, velhos, adultos, crianças. Baixos, altos, gordos, magros; educados, ignorantes, compreensivos; trabalhadores, estudantes, vendedores, ou simplesmente... pessoas, loucas para atravessar o sinal tão demorado”.

Ao colocar o cotidiano em foco, o cronista ajusta sua lente de observação para localizar, em meio a tantas coisas que acontecem concomitantemente, aquele episódio que chama sua atenção e que pode ser partilhado com o leitor com o objetivo de provocar nele distintas emoções e sensações e levá-lo à reflexão. Assim, uma consequência do trabalho com o gênero crônica em sala de aula é o refinamento do olhar do estudante para a observação do seu cotidiano.

Conversando sobre poesia

Marisa Lajolo

Poemas, às vezes, contam histórias, como este que está logo abaixo. Sua autora é Adélia Prado, poeta que por muitos e muitos anos foi professora em Minas Gerais.

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.

Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.

Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.

Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.

Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.

Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.

Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.

Disponível em <www.releituras.com/aprado_bio.asp>.
Consultado em 15/9/2010.

Como ler a história de alguém que na hora do nascimento foi predestinado por um anjo a *carregar bandeira*? *Carregar bandeira...*?, pode estranhar o leitor, quando começa a leitura. Mas, já no quarto verso, esse leitor curioso tem uma primeira pista: o bebê: parece ser uma menina, uma *bebeia*...

Marisa Lajolo é professora de literatura. Leciona atualmente na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, e é professora titular convidada da Unicamp. O livro que organizou junto com alunos e o professor João Luís Ceccantini, *Monteiro Lobato – Livro a livro* (Imesp/Fundunesp) – obra infantil –, em 2009, ganhou o prêmio Livro do Ano de Não Ficção da Câmara Brasileira do Livro.



Escrito em primeira pessoa, como uma espécie de autobiografia, esse é um dos poemas mais bonitos e mais conhecidos de Adélia Prado. Nele se ouve uma voz feminina, falando de si mesma, contando (ou inventando) seu nascimento presidido pela profecia de um anjo. *Mas... então é história de verdade?*, tem direito de perguntar-se o leitor.

Pergunta sem resposta: quando se lê um poema, nem sempre as palavras *significam* o que *parecem querer dizer*.

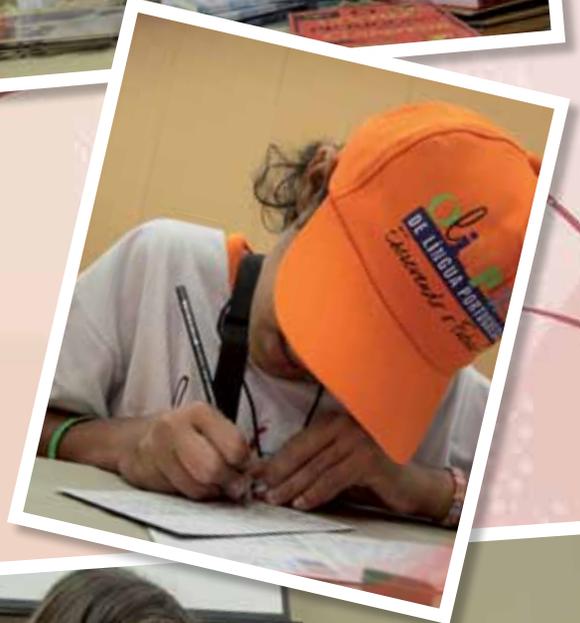
Poemas parecem empurrar seus leitores para um estado de meditação que se prolonga para muito além da leitura. O título deste – “Com licença poética” – parece mesmo dar esse recado, a poeta avisa que está se valendo da excepcionalidade do discurso poético. Parece aconselhar (com uma piscadela) o leitor a não tomar *ao pé da letra*, *literalmente*, tudo o que lê nos versos, pois poeta imagina, cria, inventa... Inventa anjos esbeltos que tocam trombetas e atribuem destinos... *Anjos esbeltos?*

O cenário no qual surge o anjo é um nascimento. Momento muito especial, o nascimento de uma criança. Momento especial para o bebê que nasce, para os pais, para toda a família, e mesmo para a humanidade: é a celebração da vida, a certeza de nossa continuidade na face da Terra.

Daí o nascimento ser tão celebrado em prosa e verso. Na história “Bela adormecida”, por exemplo, fadas bondosas e uma bruxa malvada profetizam diferentes destinos para a recém-nascida: a princesinha vai morrer, ou vai dormir cem anos?, os leitores torcem. Vence o vaticínio do Bem, e a menina fica adormecida até que o beijo do príncipe a desperta.

Também nesse poema de Adélia Prado há um destino traçado para a menina que nasce: o anjo esbelto anuncia que a menina recém-nascida *vai carregar bandeira*. O sentido da profecia é intrigante, cria expectativas: *Como é mesmo? Que bandeira é essa?*, pode estranhar o leitor. De quem será a voz que, nos versos seguintes, questiona a propriedade da tarefa confiada à bebezinha? A voz feminina parece queixar-se, rebelar-se contra o destino proclamado? Aponta que carregar bandeira é *cargo muito pesado pra mulher*, justificando a queixa por ser a mulher uma *espécie ainda envergonhada?*

No ininterrupto diálogo de quem lê um texto com o que está escrito no papel, as perguntas



se multiplicam: como assim *espécie envergonhada*? E por que *ainda*? Vai deixar de ser envergonhada um dia?

A partir do sexto verso a voz que fala no poema parece alçar voo. E o leitor – sobretudo a leitora – talvez entenda (eu entendo assim...) que a base através da qual a voz feminina ganha asas é o cotidiano e um modo de ser feminino. Feminino, brasileiro, interiorano, doméstico, familiar.

* * *

Nascida numa cidadezinha de Minas Gerais, chamada Divinópolis, desde que publicou seu primeiro livro (*Bagagem*, 1976), Adélia Prado vem surpreendendo a crítica e encantando leitores. O encanto e a surpresa talvez venham da originalidade de sua poesia, marcada ao mesmo tempo pelo feminino e pelo misticismo, juntando num mesmo texto anjos que tocam trombetas e mulheres envergonhadas.

Em “Com licença poética” sucedem-se alusões ao mundo feminino: beleza, casamento, parto. Nascida em 1935, Adélia Prado é de uma geração de mulheres educadas para o casamento, tendo marido e filhos como único horizonte.

É a partir desse destino feminino preordenado que o 11º verso introduz um novo ponto de interrogação. Aberto pela adversativa “mas”, sinaliza que o discurso vai enveredar por outros caminhos: *mas o que sinto escrevo*. Por que *mas*? Por que escrita é ruptura? Por que escrever sentimentos é desobediência?

Nós, leitores, somos senhores da resposta. E a minha é que sim, que escrita é ruptura e desobediência. Ainda que possa também ser *sina*.

Nessa interpretação, a escrita aqui anunciada como ruptura e desobediência introduz um conjunto de versos nos quais a voz feminina celebra sua realização: ao proclamar *inauguro linhagens, fundo reinos*, o poema pode sugerir ao leitor – de novo sobretudo à leitora – um papel feminino não apenas de perpetuadora da espécie, mas de semeadora de alegria. Juntando os dois, parece que o poema celebra a alegria de perpetuar a vida, uma alegria ancestral, que data do início da humanidade sobre a Terra: *minha vontade de alegria | vai ao meu mil avô*.

(Ou à minha *mil avó*... reescreve a leitora ousada!)

Pode-se, assim, ler o poema como uma espécie de celebração do feminino. Ou, talvez,

se possa ir um pouco mais além e imaginar que se trata de uma celebração, no feminino, da vocação poética. Celebração da mulher-poeta e da poesia feminina.

* * *

Retomando a leitura, o leitor fortalece a impressão de que se trata de um texto *sobre poesia*; a hipótese se sustenta e até se reforça já a partir do título: “Com licença poética”.

Leitores familiarizados com a poesia brasileira percebem, desde o primeiro verso desse poema de Adélia Prado, que ele dialoga com outro poema: o “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que abre seu primeiro livro, *Alguma poesia*, publicado em 1930:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

Disponível em <www.revista.agulha.nom.br/drumm1.html#poemadesetefaces>. Consultado em 15/9/2010.

Relendo essa primeira estrofe do poema de Drummond, o leitor vê que Adélia Prado meio que *parodia* o poema do poeta mais velho. Em algumas passagens – por exemplo, o verso que reproduz o vaticínio do anjo –, parece mesmo inverter seu significado: o anjo dele é torto, o dela é esbelto; o dele é dos que vivem na sombra, o dela dos que tocam trombeta. O dele condena a criança que nasce a ser *gauche* (isto é, ser deslocado), e o dela proclama o destino de *carregar bandeira*...

Nesse diálogo de poemas, o penúltimo verso de Adélia Prado reescreve radicalmente o verso *Vai, Carlos! ser gauche na vida* do poema de Drummond: na mão da poeta, *ser gauche* (palavra francesa que se pronuncia *gôche*) transforma-se em *ser coxo*. *Gauche* e *coxo* são palavras que têm sons parecidos e ambas conotam uma situação negativa, embora uma seja francesa e outra brasileira.

Assim, nesse seu final, o poema de Adélia Prado sublinha a oposição entre o universo feminino e o masculino: *ser coxo na vida é maldição pra homem | Mulher é desdobrável*. *Desdobrável* como?, pode perguntar-se o leitor. Mas, se o leitor é uma *leitora* – não precisa de quem lhe responda a pergunta –, sabe no corpo, na cabeça e no coração o que quer dizer a



poeta. Sabe o que é *ser desdobrável*, como também soube, nos versos 6 e 7, o que era *Aceit(ar) os subterfúgios que me cabem, | sem precisar mentir*.

Nessa proclamação da alegria do feminino, da plenitude do *ser mulher*, pode-se retomar a interpretação inicial: o anjo tinha ou não tinha razão ao vaticinar uma bandeira nas mãos de Adélia Prado?

Decida quem lê!

Cabe a cada leitor, na solidão de sua leitura, atribuir um significado ao que lê. E, no desempenho dessa tarefa (e direito) de leitor, ele costuma recorrer a outros textos. E, no caso, pode misturar, por exemplo, os anjos esbeltos de “Com licença poética” com os óvnis e galinhas de “Harry Potter”.

“Harry Potter”?, pode espantar-se o leitor...

O caso é que no seu mais recente livro de poemas (*A duração do dia*, Record, 2010) Adélia Prado tem um poema intitulado “Harry Potter”, o que pode intrigar quem torce o nariz para leituras populares. Pois então a poeta maior lê *best-sellers*?

Parece que lê e gosta. E gosta a ponto de fazer sua obra dialogar com o bruxinho inglês, da mesma forma que já o fizera com o *anjo torto* de Drummond!

É só conferir no poema abaixo e depois anotar na agenda um lembrete para buscar mais textos de Adélia Prado. Prosa e poesia. Quem sabe, entre eles, o livro *Quando eu era pequena*, para ler com seus alunos?

Harry Potter

Quando era criança
escondia-me no galinheiro
hipnotizando galinhas.
Alguma força se esvaía de mim,
pois ficávamos tontas, eu e elas.
Ninguém percebia minha ausência,
o esforço de levantar-me pelas próprias orelhas,
tentando o maravilhoso.
Até hoje fico de tocaia
para óvnis, luzes misteriosas,
orar em línguas, ter o dom da cura.
Meu treinamento é ordenar palavras:
Sejam um poema, digo-lhes,
não se comportem como, no galinheiro,
eu com as galinhas tontas.

In: *A duração do dia*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 41.

“Se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas em que não faltem animais, ou deuses, e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente – que se despertam consciências.”

Jean de La Fontaine

O que é, o que é?

É uma lenda? Ou será uma fábula? Talvez um apólogo? Ou ainda uma parábola? Quem sabe conto? Decifre esse enigma, ou melhor, descubra a que gênero pertencem os cinco textos deste desafio. Caso seja necessário, após a leitura dos textos, consulte os verbetes para resolver esse dilema!

1. A agulha e a linha

- Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:
- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?
 - Deixe-me, senhora.
 - Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
 - Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.
 - Mas você é orgulhosa.
 - Decerto que sou.
 - Mas por quê?
 - É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?
 - Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?
 - Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...
 - Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...
 - Também os batedores vão adiante do imperador.
 - Você é imperador?
 - [...]

Machado de Assis, publicado originalmente no jornal *Gazeta de Notícias*, em 1885.

2. Cobra Grande

Em uma tribo indígena da Amazônia, uma índia, grávida da Boiuna (Cobra-Grande, Sucuri), deu à luz duas crianças gêmeas, que, na verdade, eram cobras: um menino, que recebeu o nome de Honorato ou Nonato, e uma menina, chamada de Maria. Para ficar livre dos filhos, a mãe jogou as duas crianças no rio, onde eles, como cobras, se criaram. Honorato era bom, mas sua irmã era muito perversa. Fazia mal para os outros animais e também para as pessoas.

Eram tantas as maldades praticadas por ela que Honorato acabou por matá-la para pôr fim às perversidades dela. Honorato, em algumas noites de luar, perdia o seu encanto e adquiria a forma humana, transformando-se em um belo rapaz, quando deixava as águas para levar uma vida normal na terra.

Para que se quebrasse o encanto de Honorato era preciso que alguém tivesse muita coragem para derramar leite na boca da enorme cobra, e fazer um ferimento na cabeça até sair sangue. Ninguém tinha tanta coragem para enfrentar o enorme monstro.

Até que um dia um soldado de Cameté [município do Pará] conseguiu libertar Honorato da maldição. Ele deixou de ser cobra-d'água para viver na terra com sua família.

Texto adaptado do folclore da região norte do país.

3. O velho rei

Houve, em tempos que já vão longe, um rei poderoso, senhor de muitos povos e de muitas léguas de terra. Ainda que viajasse sem cessar por muitos anos a fio, não conseguia ele correr todos os seus domínios. E todos os povos o temiam, porque era conhecida de todo o mundo a fama das suas riquezas. De mês a mês, chegavam a seu palácio os emissários dos súditos, trazendo-lhe, com as homenagens deles, os presentes riquíssimos: marfim e pérolas, ouro e diamantes, sedas e rebanhos. E os seus celeiros estavam tão abundantemente providos de grãos, que ele poderia, numa época de fome geral, abri-los a todos os seus vassallos, que não tinham conta, alimentando-os fartamente durante todo um ano.

Esse poder sem limites e essa riqueza sem termo haviam embriagado a alma do velho rei. Já não se supunha homem, mas Deus. Tanta gente vinha a seus pés, adorando-o, que o seu coração se habituara a desprezar a humanidade, imaginando que ela só fora feita para o servir e temer. Só se lembrava dos súditos para os oprimir. Aumentava impostos e alargava as prisões. E a sua mão direita, que tanta gente podia fazer feliz, distribuindo esmolas e bênçãos, somente servia para assinar sentenças de morte. Condenava à pena última cem homens, sem ler ao menos os seus nomes. E, se os lia, esquecia-os dali a um minuto, para só pensar na febre de festas e de loucuras, em que empregava as noites e dias, e em que perdia a saúde e a alma.

E sucediam-se as festas. Do escurecer ao alvorecer, o seu palácio, imenso como uma cidade, suntuoso como um templo, resplandecente de luzes como um céu estrelado, ecoava o barulho das danças, da música e do tinir dos copos.

Um dia, no esplêndido terraço em que costumava dormir a sesta, o velho rei tinha diante de si uma lista de acusados. Não sabia nem queria saber quem eram, se eram inocentes ou criminosos, se tinham cometido alguma falta, ou se eram apenas homens ricos, cuja fortuna os seus ministros cobiçavam. E preparava-se para, com indiferença, assinar a lista, quando se deteve a olhar um momento o filho mais moço que brincava junto dele.

Era um príncipezinho louro e branco, de olhos azuis e inocentes como os de um anjo. Ajoelhado sobre o mosaico precioso, que ladrilhava o terraço, estava inclinado para um aquário, e divertia-se vendo dentro dele os peixes dourados que nadavam. O velho rei, com um sorriso que lhe iluminava as barbas, ficou mirando com amor a criança, tão bela e tão casta, filha do seu sangue e da sua alma. E tinha, esquecido na mão, a pena fatal, de cujo bico pendia a vida de tantos homens...

De repente, o príncipezinho teve uma exclamação aflita. O rei viu-o curvar-se mais sobre o aquário, e meter na água as mãozinhas ansiosas. E a criança veio para ele, segurando, com as pontas dos dedos, alguma coisa que se não via, de tão pequena que era.

— Olha, pai! Salvei-a! Ia afogar-se... salvei-a!

O velho rei curvou-se para ver o que o filho trazia na mão. Era uma mosca feia, negra, pequenina, miserável, nojenta. Tinha as asas molhadas e não podia voar. O príncipezinho colocou-a na palma da mão microscópica, e virou-se para o lado do sol. Daí a pouco, a mosca reanimou-se, e voou. A criança batia palmas:

— Não fiz bem, pai? Não é um crime deixar morrer uma criatura qualquer, por falta de piedade, pai? Disseram-me que há homens que se matam uns aos outros... pai? Como é que se pode ter a maldade de matar um homem?

E o príncipezinho fixava no velho rei os seus olhos azuis e inocentes como os de um anjo.

Nessa tarde, o velho rei não assinou nenhuma sentença de morte.

Olavo Bilac e Coelho Netto. *Contos pátrio*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

4. A moça e a vasilha de leite

Era dia de feira. A moça saiu equilibrando na cabeça a vasilha cheia de leite para vendê-lo, como sempre fazia. Mas dessa vez seu pensamento estava absorto em calcular o lucro que teria com a venda, embora muito pequeno para a realização de seus sonhos.

Ela pensava, enquanto caminhava: “Dessa vez vou investir todo o lucro na compra de ovos. Dos que estiverem bons sairão pintinhos, dos quais alguns vou vender na próxima feira, e farei mais dinheiro. Aí, comprarei mais ovos, de que nascerão pintinhos, que se tornarão galinhas, que me darão mais ovos, que tornarei a pôr a chocar, e mais pintinhos e galinhas, e mais ovos de que nascerão mais pintinhos, e mais galinhas, e mais ovos, e mais dinheiro. E aí estarei rica, terei os vestidos mais lindos que o dinheiro pode comprar. E poderei escolher o namorado que quiser e com ele me casar. E as joias? Ah, as joias que vou comprar... E minhas amigas morrerão de inveja. Serei a mulher mais bonita e invejada do lugar, e também...”

E de tanto pensar, com a cabeça nas nuvens, perdida nos devaneios, ela caminhava sem perceber que o leite ia se derramando, pouco a pouco. Quando os projetos atingiram a fase mais mirabolante, um gesto estabonado desequilibrou a vasilha da cabeça, que caiu, derramando ao chão o que restava do leite.

Foi então que, sem outro jeito, ela retornou para casa de mãos vazias e para a realidade que a cercava.

Moral: “Não se deve contar com o ovo antes de a galinha botar”.

Adaptação do texto de Esopo.

5. O velho pote rachado

Houve, na Índia, um carregador de água que levava dois potes grandes, cada um deles pendurado em uma ponta da vara que ele levava apoiada nos ombros. Um dos potes tinha uma rachadura, enquanto o outro era perfeito e sempre chegava cheio de água ao fim da longa jornada, entre o poço e a casa do senhor para quem o homem trabalhava. Toda vez o pote rachado chegava com água até a metade.

Foi assim por dois anos: todos os dias o carregador entregava um pote e meio de água na casa de seu senhor. É claro que o pote perfeito estava orgulhoso de suas realizações. O pote rachado, porém, estava envergonhado de sua imperfeição. Sentia-se miserável por realizar apenas a metade do que lhe havia sido determinado fazer.

Após perceber que durante dois anos não havia cumprido sua função a contento, o pote rachado, um dia, disse para o carregador, à beira do poço:

— Estou envergonhado! Quero lhe pedir desculpas.

— Por quê? — perguntou o homem. — De que você está envergonhado?

— Nesses dois anos — disse o pote —, fui capaz de entregar apenas metade da minha carga, pois essa rachadura faz que a água vaze por todo o caminho que leva à casa de seu senhor. Por causa da minha falha você não é recompensado inteiramente.

O carregador ficou triste pela situação do pote e, com compaixão, disse:

— Quando retornarmos à casa do meu senhor, quero que observe as flores crescidas ao longo do caminho.

De fato, à medida que eles subiam a montanha, o pote rachado notou muitas e belas flores selvagens a beira do caminho, o que o encheu de entusiasmo. Mas, no fim da estrada, ele voltou a ficar abatido, porque mais uma vez metade da água se perdera e de novo pediu desculpas ao carregador.

O carregador, então, disse ao pote:

— Você notou que no caminho havia flores só do seu lado? Não percebeu que a cada dia, enquanto voltávamos do poço, era você quem as regava? Por dois anos colhi flores que lá nasceram para ornamentar a mesa do meu senhor. Se você não fosse do jeito que é, ele não teria essas flores para embelezar a casa dele.

Autor desconhecido.

Parábola

Deriva do grego *parabolé* (comparação, aproximação; semelhança; discurso alegórico; encontro, choque; ação de se desviar do caminho reto). É uma narração alegórica que se utiliza de situações e pessoas para comparar a ficção com a realidade e através dessa comparação transmitir uma lição de sabedoria (a moral da história). A parábola trata questões religiosas e lições éticas por meio de uma prosa metafórica, de uma linguagem simbólica, muito comum na Bíblia.

Fábula

Do latim *fabula* (conversa, boatos, tipo de narração alegórica, conversação, relato). Texto literário comum na literatura infantil. De linguagem simples, narra aventuras de animais com características humanas. Faz uma analogia entre a realidade humana e a situação vivida pelas personagens, com o objetivo de ensinar algo ou provar alguma verdade estabelecida (preceito moral).

Apólogo

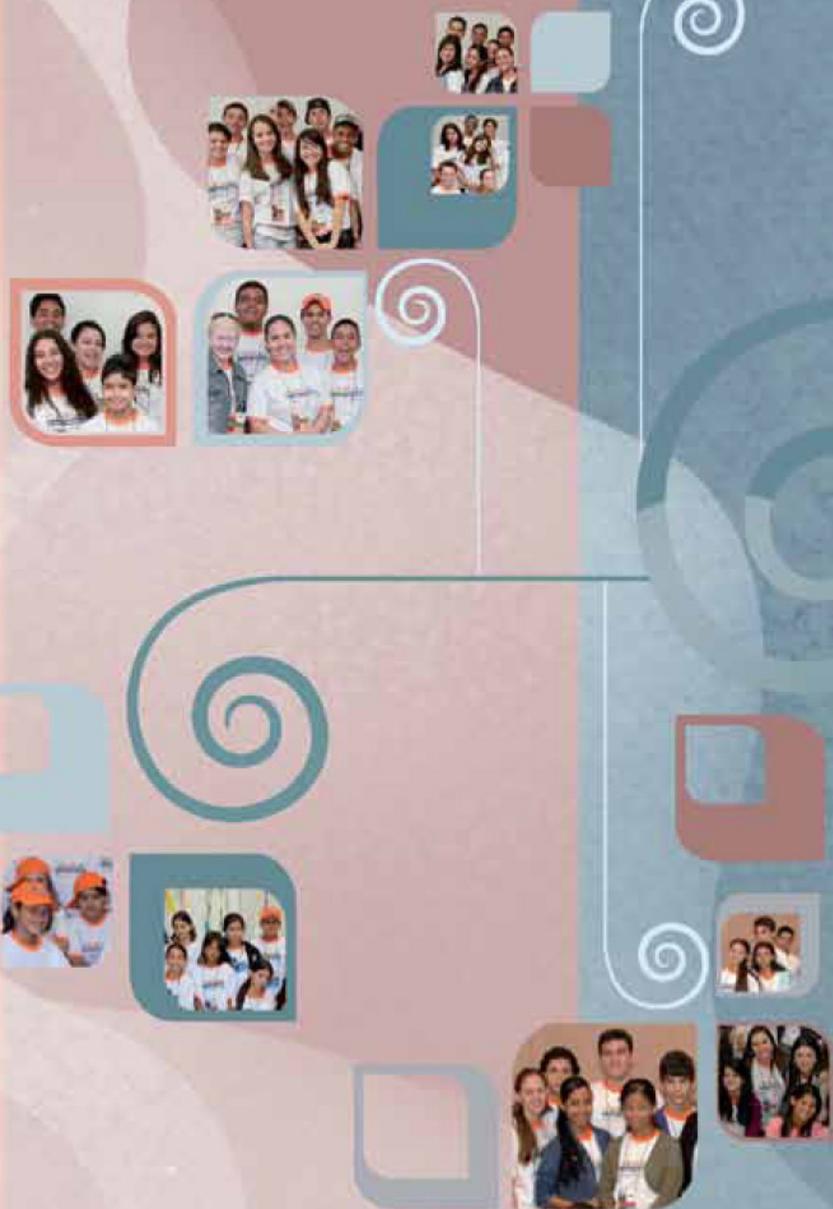
Do grego *apólogos* (narrativa detalhada). Gênero alegórico que ilustra um ensinamento de vida por meio de situações semelhantes às reais, em que figuram como personagens objetos ou animais, seres animados ou inanimados. Os apólogos têm o objetivo de debater os conceitos humanos de forma que os modifiquem e reformem e levem os seres humanos a mudar conceitos e comportamentos de ordem moral e social.

Conto

Do latim *computus* (inicialmente, enumeração de objetos, passou a significar metaforicamente a enumeração de acontecimentos); ou do latim *contus* (vara, haste, ponta de lança); ou do grego *kontós* (bastão). Há também a derivação do latim *commentum* (invenção, ficção). As diferentes etimologias indicam alguns dos aspectos próprios do conto, sua antiguidade, sua característica ficcional e suas transformações históricas. O conto é um texto ficcional de pequena extensão. Desenrola-se com poucas personagens, apresenta apenas um drama, tem espaço e tempo restrito, privilegia-se o diálogo e possui linguagem objetiva.

Lenda

Do latim medieval *legenda* (relato da vida de santos). Narrativa de caráter maravilhoso em que um fato histórico, centralizado em torno de algum herói popular (revolucionário, santo, guerreiro), se amplifica e se transforma sob o efeito da evocação poética ou da imaginação popular; legenda. Narrativa ou credence acerca de seres maravilhosos e encantatórios, de origem humana ou não, existentes no imaginário popular, que muitas vezes explicam fenômenos da natureza. Há uma mistura de fatos reais com imaginários, história e fantasia. As lendas são contadas ao longo do tempo e modificadas pela imaginação do povo.



Parceria



Coordenação Técnica



Iniciativa

